

APRESENTAÇÃO

A Revista Debates do NER chega ao seu número 43 trazendo um debate bastante pertinente sobre religião e inteligência artificial. Esta edição conta com uma Guest Editor, Manoela Carpenedo, Professora da Faculdade de Religião, Cultura e Sociedade da Universidade de Groningen na Holanda que pesquisa sobre Cristianismo(s) e seus desdobramentos na cultura, identidade e política no eixo do Sul Global.

A escolha do tema da seção Debate deve-se à importância de repensar a influência das tecnologias nos modos pelos quais indivíduos experenciam a religião e suas crenças. Em tempos marcados pela revolução digital e pelo desenvolvimento do aprendizado de máquinas nada mais relevante do que discutir o impacto da Inteligência Artificial na religião: seriam os algoritmos os deuses da atualidade? O artigo, "Abençoado pelo Algoritmo: Concepções Teístas" da antropóloga britânica Beth Singler, Professora em Religiões Digitais na Universidade de Zurique na Suíça, investiga as percepções religiosas sobre a Inteligência Artificial através da exploração da expressão “abençoado pelo algoritmo” nos discursos e postagens digitais. O artigo não somente mapeia as formas pelas quais indivíduos acreditam ser “abençoados pelo algoritmo”, mas também questiona as grandes narrativas relacionando secularização e desencantamento com progresso tecnológico.

Esse texto, um dos primeiros publicados explorando a relação entre religião e inteligência artificial, suscitou comentários de colegas estrangeiros e brasileiros. Contribuíram para esse debate, Carly Machado (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Giulia Evolvi (Universidade Erasmus de Roterdã na Holanda), Jacob Boss (Universidade de Indiana nos Estados Unidos), Marta Kołodziejska (Universidade de Varsóvia na Polônia). Os comentários enriqueceram bastante o debate questionando o caráter mágico atribuído a Inteligência Artificial e como a tecnologia pode ser vista como

religião. Agradecemos à professora Elizamari Becker (Letras/UFRGS) e seu grupo de estudantes que não mediram esforços para a tradução dos artigos do debate em inglês e que providenciaram também a tradução do texto de Beth Singler.

A nossa edição conta, também, com outros quatro artigos do fluxo e um Ensaio Visual. Em "Ligas de saúde e espiritualidade", María Florencia Chapini da Unicamp relata como ocorreu o surgimento das ligas de saúde em um entrecruzamento das ciências médicas com fenômenos religiosos desde o início do século XX e o crescimento de sua presença nas universidades brasileiras, sendo que trajetórias pessoais de médicos religiosos, como os adeptos do espiritismo, nos fazem repensar certas premissas do secularismo no Brasil. O artigo de Lorena Mochel do Museu Nacional/UFRJ, "Políticas sexuais da unção", se volta para a materialidade da experiência sexual e religiosa ao observar as maneiras pelas quais lingerie e brinquedos sexuais são mobilizados por mulheres evangélicas. Seja pelo comércio dos objetos, seja pelas dinâmicas de aconselhamento entre mulheres dentro das igrejas, vemos que a tensa fronteira do religioso e do sexual nos revela como, quem e quando se pode falar, assim como quais objetos são permitidos ou proibidos, revelando concepções profundas destes grupos sobre sua moralidade familiar e a posição da mulher.

Os outros dois artigos são de colegas argentinos. O primeiro, de Taly Barán Attias e Leonel Salomón Tribilsi do CONICET, intitulado "Y multiplicaré tu descendencia como las estrellas del cielo: reproducción asistida en la comunidad judía ortodoxa de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires", apresenta o contexto da reprodução assistida entre famílias de judeus, enfocando a preocupação religiosa ortodoxa e rabínica com a manutenção das regras judaicas na relação com a ciência e tecnologia médica. Vemos como a reprodução desloca-se de um assunto pessoal para um assunto comunitário. Já no artigo "Espacialidad ritual antes y durante la pandemia", María Pilar García Bossio, do CONICET, compara as festas de Iemanjá e Oxum no contexto argentino antes e durante a pandemia do COVID-19, mostrando

os efeitos para o processo ritual quando se torna necessário fazê-lo de maneira virtual e remota.

Por fim, o Ensaio Visual de Milena dos Reis Rabelo, da UFSC, com o título "É Robigus que vem, gira e balança", nos mostra o ritual de origem romana que ocorre na zona rural do estado do Piauí e que está associado ao plantio, cultivo e colheita. As imagens mostram como uma rede transnacional do paganismo contemporâneo está presente no interior do Brasil, se movendo junto com a divindade.

Desejamos uma boa leitura!

Manoela Carpenedo

Eduardo Dullo

DEBATE